

**O CENÁRIO DISTÓPICO
DE ROSE MACAULAY EM
WHAT NOT: A PROPHETIC
COMEDY ¹**

**ROSE MACAULAY'S
DYSTOPIAN SCENARIO IN
WHAT NOT: A PROPHETIC
COMEDY**

**Renata Kelli Modesto Fernandes (IFMT/UNEMAT)²
Helvio Moraes (UNEMAT)³**

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar elementos do gênero distópico presentes na obra *What not: a prophetic comedy*, de Rose Macaulay. A autora elabora uma articulação política controladora, característica de regimes de governos

1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

2 Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: renata.fernandes@unemat.br.

3 Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: helviomoraes01@gmail.com.

totalitários, mesmo antes de se ter o totalitarismo como um conceito de sistema político. O controle é exercido através da restrição dos relacionamentos e pela manipulação da imprensa com objetivo de convencer os cidadãos de que os interesses individuais são iguais aos nacionais. Como consequência, a liberdade dos cidadãos é totalmente suprimida e a capacidade de refletir sobre si e sobre o meio é tolhida. Diante disso, embasando-nos em especialistas do gênero distópico, tais como Baccolini (2003), Löwy (2005), Clayes (2013) e Moylan (2016), reiteramos a inscrição de *What not* no gênero distopia.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia. Eugenia. Totalitarismo. Propaganda.

ABSTRACT: This study aims to present some elements of the dystopian genre in *What not: a prophetic comedy*, by Rose Macaulay. The author develops a regulated political articulation, characteristic of totalitarian government regimes, even before having totalitarianism as a concept of political system. The control is practiced through the relationships' restriction and the press manipulation in order to convince the citizens that individual interests are equal to national interests. As a consequence, citizens' freedom is totally suppressed and the ability to reflect on themselves and on the environment is hampered. Therefore, based on specialists of the dystopian genre, such as Baccolini (2003), Löwy (2005), Clayes (2013) and Moylan (2016), we restate the inscription of *What not* in the dystopia genre.

KEYWORDS: Dystopia. Eugenics. Totalitarianism. Propaganda.

Introdução

Ao absorver os medos e os dilemas sociais, as distopias literárias criam discursos que extrapolam aspectos negativos quanto ao futuro da humanidade, funcionando praticamente como “aviso de incêndio” (LÖWY, 2005, p. 32). *What not: a*

prophetic comedy, de Rose Macaulay, representa um inferno social disfarçado de paraíso através de uma sátira à eugenia. Isso porque, embora os textos distópicos apresentem uma perspectiva pessimista da pior das alternativas sociais, eles adotam uma tendência utópica quando mantêm um horizonte de esperança, enquanto outros apenas parecem ser aliados distópicos da utopia (MOYLAN, 2016). Ainda que ambas possuam construções estéticas distintas, é interessante perceber como esses espaços acabam se tornando codependentes, no sentido que experimentamos enclaves utópicos dentro das distopias e vice-versa, como se elas fossem dois lados de uma mesma moeda. A obra estudada neste artigo demonstra a ambivalência dos textos distópicos que usa a ciência, nomeadamente a categorização intelectual dos cidadãos, como forma de proteção da sociedade contra a guerra.

O século XX foi um período marcado por grandes transformações sociais, políticas e tecnológicas. Esse período efervescente foi palco de uma vasta produção de obras distópicas que ilustram o sentimento social deste século tão caótico e peculiar. O termo distopia, contudo, surge ainda no século XIX, durante um discurso no parlamento britânico proferido pelo filósofo britânico John Stuart Mill, em 1868. O intuito do filósofo ao empregar o termo foi atribuir uma perspectiva negativa da utopia frente à política de governo sobre a propriedade irlandesa. Em seu discurso, afirmou que “O que é comumente chamado de Utopia é algo muito bom para ser praticável; mas o que eles (o governo) aparentam apoiar é muito ruim para ser praticável.”⁴ A conotação negativa foi conservada e o neologismo se manteve. A adoção do termo e a consolidação deste estilo de prosa narrativa esteve diretamente ligada às mudanças históricas e sociais do início do século XX, que trouxeram, para os escritos literários, perspectivas negativas e sem esperança. Neste perfil de literatura, avisar significa convidar à reflexão, demonstrar ao leitor que, se não houver mudanças, o resultado – no futuro –

⁴ *What is commonly called Utopian is something too good to be practicable; but what they [the government] appear to favour is too bad to be practicable.* Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/title/kinzer-the-collected-works-of-john-stuart-mill-volume-xxviii-public-and-parliamentary-speeches-part-i>. Acesso em: 25/09/2021.

será o pesadelo descrito naquela ficção. O pessimismo, dinâmico e ativo, é característica imanente do gênero em questão. Conforme assinala Raffaella Baccolini: “Sua função (da distopia) é alertar os leitores acerca dos possíveis resultados do nosso mundo atual, o que implica extrapolação das principais características da sociedade contemporânea. A distopia, portanto, geralmente localiza-se em um futuro negativamente deformado cujo parâmetro é o nosso próprio mundo.”⁵ (BACCOLINI, 2003, p. 115).

Não é nossa intenção reduzir o conceito de distopia atribuindo ao gênero apenas as características listadas acima, contudo, os aspectos que destacamos são sobressalentes em *What not*.

Falando das características estruturais elementares, uma série de aspectos compõem o gênero em questão. Tipicamente, tais ficções distópicas abrem, *em medias res*, dentro da sociedade pesadelo e desenvolvem-se com a narrativa enfocando a crescente autoconsciência e consciência de um protagonista individual ou um pequeno grupo de indivíduos que começam a se rebelar contra as condições dominantes. Para além disso, a linguagem é outro elemento que garante ao gênero características peculiares: inviabiliza que variadas formas de pensamento se manifestem; cria um instrumento particular para simbolizar uma verdade; fornece meio de expressão compatível à visão do líder do Estado, garantindo, assim, sua hegemonia.

Diante do exposto, destacamos a importância da escrita distópica para o universo literário ao proporcionar ao leitor uma reflexão sobre os aspectos negativos de seu próprio tempo. Rose Macaulay, com sua percepção aguçada acerca do perigo da ciência e da tecnologia para a desumanização, nos concede a possibilidade de experienciar o universo distópico visto sob os olhos de uma escritora do início do século XX.

O enredo e a vereda distópica

5 Its function is to warn readers about the possible outcomes of our present world and entails an extrapolation of key features of contemporary society. Dystopia, therefore, is usually located in a negatively deformed future of our own world.

[...] *intelligence is the thing that counts...*⁶ (MACAULAY, 2019, p. 89)

Publicada inicialmente em 1918, *What Not* sofreu censura e foi retirada de circulação devido às páginas difamatórias sobre o tema da manipulação da imprensa. Em 1919, o romance foi relançado com essas seções reescritas.

Morte e fome foram aspectos marcantes – possivelmente, os que mais se evidenciaram – ao longo e após o término da Primeira Guerra Mundial. Além disso, a condição do sujeito moderno no novo cenário da metrópole de inícios do século é problematizada em várias páginas da produção romanesca de autores como E. M. Forster, Virginia Woolf e James Joyce, principalmente se levarmos em consideração o brusco movimento econômico e social que conduz a Inglaterra rural à rápida industrialização. Em meio a este cenário, Macaulay constrói este romance⁷ que, de forma cínica e cômica, tematiza questões como a eugenia e a manipulação do governo através da mídia.

O trecho em epígrafe sintetiza a ideia do romance distópico escrito por Macaulay. A história se passa alguns anos no futuro pós-guerra: “Após a Guerra Mundial, mas eu não sei dizer quanto tempo depois...”⁸ (MACAULAY, 2019, p. 1) e apresenta uma sociedade cujos relacionamentos amorosos são controlados pelo Ministério da Inteligência⁹. O objetivo do governo é evitar que uma nova guerra aconteça, pois, de acordo com o poder, a guerra é desencadeada por motivos de estupidez ou ausência de inteligência.

E, de qualquer modo, o objetivo do Ministério da Inteligência não era fazer as pessoas felizes (isso ficaria por conta da Diretoria de Entretenimentos), nem as tornar boas (o que caberia à Igreja, agora, para os benefícios de ambos, divorciados do Estado), mas para promover o progresso social e evitar outra

6 [...] inteligência é o que conta...

7 Esta foi a única obra com características distópicas escrita pela autora.

8 *After the Great War (but I do not say how long after)...*

9 *Ministry of Brains*.

Para tal, o governo instituiu um ato intitulado Ato do Progresso Mental¹¹, cuja função é a de categorizar os cidadãos de acordo com seu nível de inteligência ou o histórico familiar. O Ato é o dispositivo pelo qual os conflitos vão se desenrolar e na ficção ele funciona da seguinte forma:

Se você fosse classificado como A, você seria certificado com altas habilidades intelectuais e, dessa forma, seria recomendado a se relacionar com um parceiro B2 ou B3 (esses seriam considerados bastante inteligentes). Relacionar-se com outro A ou um B1 era considerado desperdício, em caso de não haver parceiros suficientes para a união adequada, os seus bebês receberiam menos bônus. Se você fosse classificado como C1, C2 ou C3, seus bebês não receberiam apoio, a menos que você minimizasse essa loucura relacionando-se com um parceiro A; se você escolhesse se unir a alguém categorizado como C, vocês receberiam uma multa severa, e se você fosse abaixo de C3 (ex: não certificado) você seria multado ainda mais severamente, mesmo que seja minimizado, e pelo terceiro e subsequentes bebês nascidos, sob tais condições, você seria preso. [...] Famílias entre as classes baixas e entre os não certificados eram drasticamente desencorajados. Você não seria certificado para os propósitos matrimoniais apenas se você fosse muito burro, mas se, apesar de ter poderes mentais brilhantes, você tivesse algum

10 *And anyhow the object of the Ministry of Brains was not to make people happy (that could be left to the Directorate of Entertainments), nor to make them good (that was up to the Church, now, to the great benefit of both, divorced from the State), but to further social progress and avert another Great War.*

11 *Mental Progress Act.*

caso de deficiência em um familiar próximo.¹²
(MACAULAY, 2019, p. 12-13)

As constantes ameaças de guerras, cada vez mais destrutivas, que permearam o século XIX, fizeram surgir forte interesse por uma inovação tecnológica que favorecesse o melhoramento genético. “Acreditava-se que habilidades e genialidade humanas são hereditárias e que, se essas características fossem cultivadas, elas poderiam ser aproveitadas para melhorar a qualidade da humanidade” (CLAEYS, 2010, p. 157).

No final dos anos 1880, inicia-se, contudo, o processo de produção do sujeito regulado pela dinâmica social que, aqui no caso, ganhou o nome de eugenia. Conceito científico-social criado por Francis Galton (1883), a eugenia trata da seleção natural do ser humano e suas potencialidades físicas e intelectuais. Galton, inspirado na teoria de seu primo Charles Darwin, procurou desenvolver uma ciência sobre a hereditariedade humana que garantisse, através de processos matemáticos e biológicos, a identificação dos melhores indivíduos, portadores das melhores características e, a partir da classificação, estimular ou evitar a sua reprodução.

Francis Galton afirmava que se não houvesse um controle da qualidade reprodutiva dos indivíduos na sociedade, o resultado, em pouco tempo, seria o avanço reprodutivo de indivíduos degenerados. O que significaria, em termos estatísticos, que os melhores membros da sociedade seriam suplantados reprodutivamente pelos indivíduos menos qualificados, ampliando, assim, a criminalidade, a prostituição,

12 If you were classified A, your brains were certified to be of the highest order, and you were recommended to take a B2 or B3 partner (these were the quite intelligent). To ally yourself with another A or a B1 was regarded as wasteful, there not being nearly enough of these to go round, and your babies would receive much smaller bonuses. If you were classified C1, C2 or C3, your babies would receive no encouragement, unless you had diluted their folly with an A partner; if you chose to unite with another C they were heavily fined, and if you were below C3 (i.e. uncertificated) they were fined still more heavily, by whomsoever diluted, and for the third and subsequent infants born under such conditions you would be imprisoned. [...] Families along the lower grades and among the uncertificated were thus drastically discouraged. You were uncertificated for matrimonial purposes not only if you were very stupid, but if, though yourself of brilliant mental powers, you had actual deficiency in your near family.

a insanidade e todo tipo de distúrbio social. Nesse sentido, o controle reprodutivo permitiria, segundo Galton, não somente elevar o nível de qualidade da raça humana, mas também se constituiria em uma ferramenta de reforma das condições sociais degenerescentes.

Esta ciência ganhou força no período pós Revolução Industrial quando, na Inglaterra, as ruas estavam tomadas por mendigos. A fome e a miséria se espalhavam pelo país. A elite inglesa, temendo a degeneração da sociedade, sustentava esse conceito. Curiosamente, o desenvolvimento das ideias eugênicas mais radicais não ocorreu na Inglaterra, mas em nações como Estados Unidos e Alemanha. As práticas eugênicas adotadas nesses países foram violentas e cruéis.

Na tentativa de analisar a sociedade e propor medidas para melhorá-la, alguns países acabaram adotando medidas mais radicais que ao final terminariam reconhecidas como práticas eugênicas aterrorizantes, como no caso da Alemanha nazista e os casos de esterilização em massa nos EUA e outros países da Europa ocidental, no século XX, distorcendo o que era eugenia e fazendo com que tais ideias fossem sempre e somente relacionadas a práticas cruéis. (FAGGION, 2018, p. 16)

A eugenia praticada neste romance não acontece via esterilização compulsória (como ocorreu nos Estados Unidos) ou pela perseguição e extermínio do povo judeu (a exemplo da Alemanha). Ela foi incorporada na obra através da classificação intelectual dos cidadãos de Londres, conforme explicitado no Ato de Progresso Mental. Como um regulamento que inibe a liberdade de os cidadãos se relacionarem amorosamente, o ato carrega uma carga autoritária típica de regimes totalitários, mesmo antes de se ter o totalitarismo como conceito político.

A descrição positiva de ideias eugênicas, como a tentativa de inibir as guerras, tendem a ocultar uma tendência para a “distopia” (CLAYES, 2013, p. 157-158): a de um poder totalizante que aniquila o sujeito. Essa característica nos coloca em relação

direta com o enredo de um grande clássico da literatura distópica: o “Admirável Mundo Novo” (1932), de Aldous Huxley. Nesta obra, a manutenção da estabilidade social é estabelecida através da categorização intelectual por meio de um sistema de castas, cuja classificação é feita da seguinte maneira: Alfa e Beta são as castas mais importantes. Os indivíduos são bonitos, inteligentes e fortes e, ao longo da juventude, são treinados para se tornarem os líderes. Nas castas Gama e Delta os indivíduos são fisicamente e intelectualmente inferiores e, por isso, não são capazes de desenvolver raciocínios complexos. Por último, os Épsilons, seres considerados abjetos, são responsáveis pelos trabalhos mais perigosos e exaustivos.

Outro aspecto do enredo de “Admirável Mundo Novo” que consideramos ter ligação com o texto de *What not* é o condicionamento ao qual os cidadãos são submetidos como forma de “fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2003, p. 25). No caso de “Admirável Mundo Novo”, um Centro de Incubação e Condicionamento foi desenvolvido para aplicar técnicas de sugestão e estímulos nos bebês para que, desde muito cedo, eles internalizassem a sua função naquela sociedade. Já os adultos eram estimulados com uso de uma droga chamada *soma* que tinha a função de inibir os sentimentos e pensamentos ruins. Em *What not*, Macaulay não chegou a desenvolver uma função clara daquilo que ela chamou no romance de “Seção de Educação dos Homens, Mulheres e Crianças. Seção responsável pela direção do intelecto dos bebês que ainda estavam por nascer.”¹³ (MACAULAY, 2019, p. 11). No entanto, sugeriu uma política de controle precoce. Com os adultos, Macaulay tomou o caminho das propagandas como forma de estruturar o condicionamento, conforme apontam as passagens do enredo abaixo.

Há informação de que Aldous Huxley frequentava o apartamento de Rose Macaulay exatamente no período em que ela estava escrevendo o romance, segundo a matéria publicada

¹³ *Men's Education Section, the Women's, and the Children's; the Section which was concerned with the direction of the intellects of the Great Unborn.*

no *site* da editora *Handhed Press*.¹⁴ Estas características identificadas nos dois romances distópicos nos levam a sugerir que Huxley não apenas teve acesso à obra de Macaulay, como também a usou como inspiração para a produção de sua distopia. Por se tratar de um período com severas restrições de liberdade, abordar estes temas era extremamente desafiador, especialmente para uma escritora. Por isso, a publicação de *What not*, naquela época, não garantiu a ela o devido reconhecimento.

Retomando o enredo de *What not*, para fomentar a política de controle governamental, o Ministério da Inteligência subdividiu a organização em seções. Havia a Seção da Propaganda, responsável por produzir panfletos e organizar palestras; a Seção de Educação dos Homens, Mulheres e Crianças, cuja função era realizar testes de inteligência, exames e certificações; a Seção responsável pela direção do intelecto dos bebês que ainda estavam por nascer. Foram criados métodos de estímulo, recompensa e punição para o funcionamento de tal regulamentação. Estes seguiam os seguintes protocolos:

Havia bônus pelo nascimento de bebês que correspondessem à regulamentação, e multas pelos casos que desrespeitassem o regulamento, as multas aumentavam de acordo com o flagrante aos casos dos pais que desobedecessem, portanto, a prole dos pais de baixo potencial intelectual carregaria com eles a ruína financeira.¹⁵ (MACAULAY, 2019, p. 12)

Kitty Grammont e Nicholas Chester, personagens principais do romance, trabalham para o Ministério da Inteligência. Kitty, com um estilo de escrita conciso e bem definido, atua no Departamento de Propaganda, mais especificamente na produção de panfletos e cartazes de divulgação dos atos governamentais. Nicholas Chester comanda o Ministério da

14 <https://www.handheldpress.co.uk/shop/fantasy-and-science-fiction/rose-macaulay-what-not/>.

15 *There were bonuses on the births of the babies of parents conforming to the regulations, and penal taxes on unregulated infants, taxes increasing in proportion to the flagrancy of the parents' disobedience, so that the offspring of parents of very low mental caliber brought with them financial ruin.*

Inteligência, na posição de Ministro.

Após a publicação do Ato de Progresso Mental, Kitty e os outros funcionários do Departamento de Propaganda tiveram muito trabalho, pois, além de confeccionarem cartazes, foram designados para trabalhar com materiais de divulgação do curso, intitulado Curso Governamental de Treinamento Intelectual¹⁶, cujo objetivo era melhorar a capacidade intelectual dos cidadãos. Como estratégia de divulgação do curso, eles criaram relatos de pessoas que, supostamente, já tinham participado do treinamento. Estes relatos demonstravam, essencialmente, aumento na produtividade e sucesso na carreira profissional.

De um editor. Meu julgamento tem sido bastante estimulado pelo Curso e, desde que eu o fiz, publiquei cinco romances tão desagradáveis que ainda há menção sobre eles nas colunas do *Spectator*, além disso, já alcançaram dez edições. O Curso nos ensina o porquê alguns obtêm sucesso e outros não.

De um famoso teólogo. Antes de iniciar o curso, eu era um bispo de uma igreja desativada. Agora, minha mente está clara, meus olhos estão abertos, e eu sou o líder de uma fé vindoura. O curso ensina o sentido da vida.

De um poeta. Agora, eu posso encontrar rimas para quase todos os meus versos, e abandonei os hábitos antigos de produção de rimas livres no qual eu era viciado desde 1912. Eu até consigo encontrar rimas para a indenização e para a guerra que não sejam sangue, nem garra e nem estrela.¹⁷ (MACAULAY, 2019, p. 37-38)

16 *Government Course of Mind Training*.

17 *From a Publisher. My judgment has been so stimulated by the Course that since taking it I have published five novels so unpleasant that correspondence still rages about them in the columns of the Spectator, and which have consequently achieved ten editions. The Course teaches on why some succeed and others fail.*

From a famous Theologian. Before I undertook the Course I was a Bishop of a disestablished Church. Now my brain is clarified, my eyes are opened, and I am a leader of the Coming Faith. The Course teaches the Meaning of Life.

From a poet. I can now find rhymes to nearly all my lines, and have given up the old-fashioned habit of free rhythms to which I have been addicted since 1912. I can even find rhymes to indemnity, also a rhyme to War which is neither gore, claw, nor star.

Estes testemunhos fazem parte da estratégia de efetivação e consolidação dos ideais políticos, assim como o uso de propagandas. Como já dito anteriormente, os séculos XIX e XX configuraram um período marcante em termos de avanços tecnológicos. A propaganda, com uso de imagens/fotografias se popularizou entre as massas neste período e passou a ser adotada como ferramenta ideológica na propagação de ideias tidas como verdades. A partir daí, ela foi amplamente utilizada pelos governos totalitários.

A filósofa política alemã Hannah Arendt, em sua obra “As Origens do Totalitarismo” (1998), explica que o aspecto fundamental do regime totalitário no que diz respeito ao estabelecimento do controle sobre toda a sociedade e sobre sua legitimidade como uma ideologia universal (totalitária) é a sua expressão de verdade absoluta. Nessa acepção, um dos traços mais característicos da linguagem é anulado: a sua multiplicidade de interpretações. Esse processo se dá através da intensa doutrinação por meio das instituições de ensino e de propaganda totalitária, ambas interessadas em separar o pensamento da experiência e da realidade. Destacamos, desse modo que, para Arendt, as instituições educacionais dentro do governo totalitário e a propaganda têm justamente o papel de forjar uma mentalidade ideológica que inibe a relação das pessoas umas com as outras e com a realidade ao mesmo tempo que desencoraja o pensamento. Com efeito, estas estratégias de manipulação da linguagem e mascaramento da verdade mantiveram o líder alemão Hitler, por exemplo, por tanto tempo no poder (de 1933 a 1945).

Esses aspectos temáticos da obra estabelecem estreita relação com a trajetória da autora. Rose Macaulay trabalhou para o Departamento de Propaganda, no Ministério Italiano da Informação, durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, quando cria este modelo social em *What not*, a autora aproxima o enredo ao contexto histórico da época, interligando fenômenos históricos à escrita literária. Este procedimento foi chamado pelo crítico literário Antonio Candido de “redução estrutural”. Nas palavras de Candido, redução estrutural é “o processo por cujo intermédio

a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 2015, p. 9). Nesse processo estético, a sociedade aparece como elemento interno dinâmico, e não como simples dado do enquadramento da ação narrativa. A representação da realidade, no âmbito deste conceito, é estruturada a partir de elementos composicionais que se integram à narrativa ou, quando a integração é menos feliz, se justapõem a ela. No primeiro caso, a apresentação dos elementos documentários (uma guerra, por exemplo) não é feita através da inserção de um documento, mas como parte constitutiva da ação. No segundo caso, os elementos documentários são apresentados de forma desintegrada à narrativa, eles não se fundem completamente. A força de convicção do livro depende, sobretudo, daquilo que Candido (2015, p. 34) chama de “pressupostos da fatura”, ou seja, da ordenação dos elementos composicionais que produzem, na ficção, o senso do real.

As personagens de *What not* são moradoras de uma pequena vila próxima a Londres, chamada *Little Chatreys*. Durante um culto de domingo, o vigário deste lugarejo protestou contra o Ato de Progresso Mental, e pediu aos moradores da vila que não pagassem as taxas estabelecidas pelo governo. O discurso do vigário dividiu opiniões.

Os bons nem sempre são espertos, nem os espertos sempre bons. Alguns não são nenhum dos dois, como o último príncipe da coroa alemã (que está agora dividindo uma pequena ilha no pacífico com Kaiser Wilhelm e MM. Lenin e Trotzky, o derradeiro de Petrogrado, nem estúpido nem exatamente, esperemos, mau, mas especialmente infeliz e mal orientado, como muitos russos que não nos cabe julgar).¹⁸ (MACAULAY, 2019, p. 60)

Segue seu sermão dizendo:

18 *The good are not always the clever, nor the clever always the good. Some are neither, like the late Crown Prince of Germany (who was now sharing a small island in the Pacific with Kaiser Wilhelm and MM. Lenin and Trotzky, late of Petrograd, and neither stupid nor exactly, let us hope, bad, but singularly unfortunate and misguided, like so many Russians, whom it is not for us to judge).*

Mas nós deveríamos tentar ser ambos inteligentes e bons. Nós deveríamos dar cada passo na direção de melhorarmos nossas mentes. [...] É nosso dever para com nosso país sermos cidadãos inteligentes, se nós podemos, disse o vigário. Razão é o que Deus criou para nos diferenciar dos outros animais. Eles têm instinto, nós razão. De fato, uma herança nobre. Nós já somos bastante inteligentes; nós descobrimos o fogo, eletricidade, carvão, e inventamos a imprensa, motores a vapor, e o avião. Não há razão para não melhorarmos nossas mentes ainda mais, e inventar (abaixo de Deus) ainda mais coisas. Só uma coisa devemos ressaltar; o Estado ter cuidado com a forma como interfere na vida doméstica de seus cidadãos. O Estado estava indo longe demais nessa direção; ele experimentou o desprazer do Socialismo, uma tirania que os ingleses não aceitam bem. [...] Quando o estado tentou estabelecer uma Diretoria do Matrimônio, e penalizou aqueles que não se adequaram ao regulamento, o Estado foi, disse o vigário, muito longe, mesmo sendo o Estado.¹⁹ (MACAULAY, 2019, p. 60-61)

Houve quem discordasse da estupidez da proposta do Ato e, portanto, comungava da opinião do vigário, mas também tinham aqueles que se opunham, a exemplo de Vernon Prideaux. Prideaux, um homem de trinta anos, categoria de inteligência

19 But we should try to be both intelligent and good. We should take every step in our power to improve our minds. [...] It is our duty to our country to be intelligent citizens, if we can, said the vicar. Reason is what God has differentiated us from the lower animals by. They have instinct, we reason. Truly a noble heritage. We are rather clever already; we have discovered fire, electricity, coal, and invented printing, steam engines, and flying. No reason why we should not improve our minds further still, and invent (under God) more things yet. Only one thing we must affirm; the State should be very careful how it interferes with the domestic lives of citizens. The State was going rather far in that direction; it savoured unpleasantly of Socialism, a tyranny to which Englishmen did not take kindly. [...] When the State endeavoured to set up a Directorate of Matrimony, and penalized those who did not conform to its regulations, the State was, said the vicar, going too far, even for a State.

nível A, era filho de político e funcionário do governo. Ao sair do culto, rechaçou o discurso do vigário e desejou que ele fosse denunciado e processado por fazer propaganda contrária à do governo. Prideaux seguiu fiel e vigilante durante todo o romance. Os discursos favoráveis ou contrários ao sistema, engendrados pelos personagens, emolduram o cenário das narrativas distópicas. Tais personagens são sujeitos que vivem e experienciam o controle do poder vigente em nome de um “ideal utópico” e dão voz a este desejo, como é o caso de Prideaux, ou subvertem o sistema formando um grupo de resistência, por meio de ações, reflexões ou questionamentos, a exemplo de Kitty, Nicholas e o vigário. Essa característica presente em *What not* ratifica a afirmação dos estudiosos Rafaella Baccolini e Tom Moylan de que o texto distópico é “edificado ao redor da construção de uma narrativa [da ordem hegemônica] e uma contra-narrativa [da resistência]” (BACCOLINI e MOYLAN, 2003, p. 5). O objetivo da contra-narrativa, de acordo com os teóricos citados, é transformar o meio social, colocando-se com alternativa à ordem social vigente. Esse movimento na composição diegética das distopias promove o rompimento do ideal utópico retratado nas distopias.

Aos poucos, as propagandas do Curso Governamental de Treinamento Intelectual foram intensificadas: as salas de cinema exibiam cenas que contrastavam o destino de pessoas inteligentes com o das estúpidas; em todas as lojas foram instalados quiosques de propaganda e informação; a *Trafalgar Square*²⁰ foi decorada com pôsteres brilhantes; os muros da cidade ganharam ilustrações de artistas que representavam homens pobres antes de fazer o curso e homens de sucesso, após frequentarem o tal treinamento. Outra estratégia bizarra de convencimento da importância do curso foi a fixação de pôsteres nas estações de metrô contendo imagens de vítimas da violência presente nas ruas. A mensagem apresentada nos pôsteres era a seguinte:

A estará seguro porque fez o curso de treinamento da mente e, conseqüentemente,

²⁰ *Trafalgar Square* é uma importante praça situada no centro de Londres. Criada em 1830, a praça é um marco da vitória da armada britânica na Batalha de Trafalgar.

enfrentará o tráfego. B não conseguirá, porque ele se recusou a melhorar sua capacidade intelectual e, contudo, desembarcou de um ônibus na direção errada e de costas para o tráfego, na direção contrária; ele também será atingido por uma aeronave por ter distraído o aviador. B irá, portanto, perecer miseravelmente, e ele merece isso.²¹ (MACAULAY, 2019, p. 67)

Fazemos um parêntese para falar de um elemento fantástico presente na passagem acima que nos desloca, temporariamente, da realidade: a presença de aeronaves que voam rente ao chão. Essas criações de objetos não existentes no mundo real aparecem comumente compondo os textos literários distópicos. Geralmente, elas ancoram-se em um referencial, aqui, no caso, o dos aviões, cuja descoberta era muito recente.²² Mesmo com este elemento que suspende a realidade, o texto não viola o elo à plausibilidade.

Na esteira da divisão entre os aspectos sócio-históricos e literários, está a chamada “construção verbal” proposta por Darko Suvin (1979), responsável pela articulação crítica entre o imaginário e o empírico. Suvin defende que:

o primeiro ponto e elemento fundamental de uma definição literária da utopia é que qualquer utopia é uma *construção verbal*. A utopia, como forma literária, deve manter o elemento crucial de uma *posição alternativa radicalmente diferente das condições sociopolíticas* do ambiente histórico do autor. Contudo, é necessário que este elemento seja valorizado no contexto de uma abordagem teórico-literária. (SUVIN, 1979, p. 41)

Um exemplo deste elemento que transporta o leitor para um momento histórico alternativo (diferente do momento real do autor) é o exagero empregado na descrição

21 *A will be safe because he has taken the Mind Training Course and is consequently facing the traffic. B will not, because he has refused to improve his mind and has therefore alighted from a motor bus in the wrong direction and with his back to oncoming traffic; he will also be crushed by a street aero, having by his foolish behavior excited the aviator. B will therefore perish miserably, AND DESERVES TO.*

22 Os registros do primeiro voo da história datam de 1903, com sobrevoo feito pelos irmãos Wright.

das temáticas sociais, tecnológicas e científicas. Por ser este um aspecto sobressalente nos textos utópicos, eles aparecem constantemente ligados à ficção científica. A incorporação de elementos sobrenaturais, representados pela tecnologia e pela ciência, ou de um recurso que representa uma ‘novidade’ em relação ao mundo empírico do leitor implícito ou do autor, chamado por Darko Suvin de *novum* (SUVIN, 2010, p. 67) resulta no “estranhamento cognitivo”²³ (SUVIN, 2005, p. 24), colocando-se no limite entre o domínio do fantástico e do texto realista. Todavia, destaca-se neste conceito que, por mais que o *novum* de um texto não possa ser validado com base em um referencial existente na época de sua produção, ele demanda uma confirmação científica mesmo que por meio de “um ‘experimento mental’ que siga a lógica aceita cientificamente, isto é, a lógica cognitiva.”²⁴ (SUVIN, 2010, p.70). Nesse sentido, a estabilidade lógica do texto, no caso das utopias, é garantida pela noção de plausibilidade, conforme afirma Gregory Claeys ao distinguir os domínios fantásticos dos utópicos:

[...] a localização fictícia não tem importância, assim como, em certo nível, se usamos ou não a ficção para descrever uma utopia. O que importa, no que se refere a definir melhor o gênero utópico, é a plausibilidade do que descobrimos depois que chegamos lá. [...] O critério de plausibilidade ajuda a limitar e especificar a utopia, assim como a conceber sua factibilidade e a separá-la do meramente imaginário ou impossível. Mundos subterrâneos são implausíveis; uma sociedade organizada de acordo com princípios coletivistas, mas apenas ficticiamente localizada no subterrâneo, não é implausível, embora alguns detalhes possam ser. Escolhemos um *topos*, ou localização, muito diferente exatamente a fim de dar crédito a um ideal ampliado de sociedade melhorada. Mas se uma projeção é inteiramente irrealista, podemos subverter qualquer possibilidade de encorajar uma mudança social real, pois forma

23 *Cognitive estrangement.*

24 *A ‘mental experiment’ following accepted scientific, that is, cognitive logic.*

e conteúdo aqui têm relação simbiótica. Exigir o impossível deve não apenas sempre parecer um tormento, mas também acaba destruindo as melhorias. (CLAEYS, 2013, p. 14-15)

Os jornais eram outros importantes veículos de divulgação da política governamental. Eles não só apoiavam os atos do governo contribuindo com a disseminação das notícias, como também usavam fortes argumentos para persuadir a população. O exemplo a seguir mostra uma passagem retirada de uma revista destinada ao público feminino:

“Por que uma mulher aparenta ser mais velha do que um homem?” (a resposta para isso era que, apesar dos homens serem normalmente estúpidos, as mulheres são sempre ainda mais estúpidas, e se esforçavam menos para melhorar sua capacidade intelectual), [...] “Aumente sua categoria para A, e você ampliará seu campo matrimonial...”²⁵ (MACAULAY, 2019, p. 69)

Apesar da investida do governo em propagandas, não houve adesão significativa da população ao curso proposto. As pessoas não se inscreveram como as autoridades imaginavam. O resultado repercutiu negativamente nos jornais de Londres. Assim que o curso finalizou, o *The Times* publicou uma matéria atribuindo o fracasso de público à liberdade de decisão da população. Para eles, a participação deveria ser um ato obrigatório: “O Governo deveria ter uma postura rigorosa sobre isso. Eles não deveriam confiar em esforço voluntário [...] Deve ser obrigatório, e quanto mais cedo o Governo convencê-los a favor desse fato, melhor avisados eles estarão...”²⁶ (MACAULAY, 2019, p. 71-72).

Kitty e Prideaux almoçavam juntos quando leram as notícias sobre o fracasso do curso nos jornais. Kitty imediatamente estabeleceu um diálogo com o amigo na tentativa de entender *25 “Why does a woman look old sooner than a man?” (the answer to this was that, though men are usually stupid, women are often stupider still, and have taken even less pains to improve their minds), [...] “Raise yourself to category A, and you enlarge your matrimonial field...”*

26 The Government should take a strong line in this matter. They must not trust to voluntary effort [...] Compulsion must follow, and the sooner the Government make up their minds to accept this fact the better advised it will be.

a opinião dele sobre a hipótese lançada pelo *The Times* em tornar o curso obrigatório. Por pertencer a um órgão superior do governo e por causa de sua mente brilhante, Kitty acreditava na possibilidade de Prideaux se tornar o líder da nação um dia. Para Prideaux, não fazia diferença se o curso fosse um ato obrigatório. Segundo ele, já somos obrigados a vários atos que nem nos damos conta. Não somos livres desde que nascemos. Regras são necessárias para regular a sociedade, e acrescenta: “[...] liberdade para nos comportarmos como animais ou lunáticos, para irritar uns aos outros e prejudicar o Estado. Qual é o sentido disso? Seres humanos não estão preparados para isso, esse é o fato.”²⁷ (MACAULAY, 2019, p. 73)

O regulamento que categorizava a inteligência das pessoas seguia causando polêmica. Cartas e mais cartas de reclamação chegavam ao departamento de Inteligência Local, geralmente questionando a classificação atribuída. De um lado, pessoas incapazes de fazer contas mentalmente foram classificadas com a categoria B, por outro lado havia um cidadão que ganhara dois prêmios (um de Geografia e outro de declamação) e que fora classificado como C2. Somadas a estes equívocos estava a preocupação da população quanto às multas aplicadas a quem desobedecesse ao regulamento, bem como os critérios de isenção das multas a serem adotados. Com o objetivo de sanar as dúvidas da população, foram criadas frentes de trabalho, cada uma contendo duas ou três pessoas, dentre eles funcionários do governo e cidadãos contratados especificamente para essa função. Os grupos visitavam os vilarejos e cidades vizinhas explicando o funcionamento do Ato de Progresso Mental.

Terminada a campanha externa, Kitty e alguns amigos passaram a se encontrar em jantares descontraídos, conversavam, se divertiam. Entre uma conversa e outra; um jantar e outro, a relação entre Kitty Grammont e Nicholas Chester se estreitava, a ponto de iniciarem um romance às escondidas. Os encontros românticos tornaram-se cada vez mais frequentes ao ponto de levá-los a combinar um casamento secreto. Isso porque Nicholas não era certificado para o casamento em virtude da deficiência

27 [...] *freedom to behave like animals or lunatics, to annoy each other and damage the State. What's the sense of it? Human beings aren't up to it, that's the fact.*

das irmãs gêmeas.

Tudo foi organizado para que ninguém o reconhecesse, afinal ele era um ministro. Nicholas usou o nome falso de Gilbert Lewis e, assim que a cerimônia acabou, eles partiram para *Cogoleto*, uma pequena cidade costeira da Itália. Lá, desfrutaram da lua de mel por alguns dias até que, durante um mergulho no mar, foram descobertos por Vernon Prideaux que passeava em um iate. Três dias depois do ocorrido, o casal retornou à Inglaterra por rotas diferentes. Aparentemente, o matrimônio permanecia secreto. Ambos, Kitty e Nicholas seguiram sua rotina diária.

No início de novembro, começaram a surgir publicamente campanhas contrárias aos atos do governo. Os jornais, agora, atacavam o Ministério da Inteligência severamente e passaram a usar elementos pessoais neste ataque. O jornal *The Patriot*, cuja característica principal era interferir nas questões pessoais das pessoas, solicitou a Nicholas Chester uma entrevista. Ele tentou, de todas as formas, esquivar-se do encontro, mas o editor Mr. Percy Jenkins foi astuto no uso de estratégias de convencimento (escreveu inúmeras cartas expressando o desejo de uma entrevista, realizou diversas ligações ao Ministério e para a casa do Ministro, enviou cartões). Assim, a entrevista aconteceu.

De pronto, Mr. Jenkins abordou a questão do romance secreto que ele mantinha com Kitty Grammont: “Tenho ouvido ultimamente uma notícia muito interessante sobre você. Pessoas estão dizendo que você tem sido visto, muitas vezes, na companhia de certa senhora.”²⁸ (MACAULAY, 2019, p. 206). Nicholas interagiu dizendo apenas para continuar e Mr. Jenkins completa:

[...] que vocês têm sido vistos juntos nos arredores... juntos apenas vocês, isto é... nos fins de semana...” [...] Se você não se importa com o que vou dizer, eles falam sobre você seriamente. Entende, sabe-se que você não é certificado para o matrimônio e a paternidade, devo dizer isso. Uma vez que as pessoas imaginarem que, enquanto você impõe as leis a elas, você mesmo não as cumpre... bem, você

²⁸ *I have heard lately a very interesting piece of news about you. People are saying that you are being seen a great deal in the company of a certain lady.*

deve imaginar que isso pode prejudicar o seu trabalho consideravelmente.”²⁹ (MACAULAY, 2019, P. 207)

Mr. Jenkins não conseguiu, durante a entrevista, obter confirmação das especulações de violação das próprias leis do Ministro, então, decidiu publicar uma carta aberta direcionada ao Ministro contendo acusações metafóricas como: “‘Médico cura a si próprio.’ ‘Pode o cego liderar o cego?’”³⁰ (MACAULAY, 2019, p. 209). A carta gerou polêmica entre os leitores do jornal e, posteriormente, criou burburinhos entre os moradores de Londres e arredores.

As consequências do vazamento desta informação foram severas. No feriado que sucedeu o dia do Natal - *Boxing Holiday*, Nicholas e Prideaux trabalhavam sozinhos no prédio do ministério quando, subitamente, foram surpreendidos por manifestantes que invadiram a sala do Ministro. Eles o empurraram, quebraram-no algumas costelas e ameaçaram incendiar o local. Vivenciaram algumas horas de tensão e ameaças. Apenas com a chegada da polícia foi possível dispersar os manifestantes e garantir atendimento médico ao Ministro.

Chester precisou de alguns dias para curar os ferimentos e pensar na decisão que tomaria a partir de então. Assim que recuperou as forças, escreveu uma carta ao Primeiro Ministro solicitando o desligamento do cargo. Chester escolheu a liberdade, destituiu-se de ideais opressivos e controladores para viver a humanidade, nas suas variadas manifestações: amor, descendência, vida familiar.

Considerações finais

A imagem de uma sociedade intelectualmente nivelada

29 [...] “*that you have been seen staying in the country together...alone together, that is... for weekends...*” [...] *If you won't mind my saying so, they tell against you very seriously. You see, it is generally known that you are uncertificated for matrimony and parentage, if I may mention it. And once people get into their heads the idea that, while forcing these laws on others, you are evading them yourself...well, you may imagine it might damage your work considerably.*”

30 “*Physician, heal thyself.*’ ‘*Can blind lead the blind?*’”

para atender aos propósitos militares de uma nação autoritária nos serviu como base para caracterização deste romance como distopia. O controle social praticado através da restrição dos relacionamentos; as penalidades aplicadas ao descumprimento do regulamento; a manipulação das informações e o domínio da ciência e da tecnologia são elementos que configuram a sociedade ficcional de *What not* e que, não obstante, representam realidades sociais variadas.

A obra exprime o inferno social vivido por essa sociedade ficcional devido à prática eugênica de categorização dos seres humanos. Como consequência, a liberdade dos cidadãos é totalmente suprimida e a capacidade de refletir sobre si e sobre o meio é tolhida. Esse é um terreno fértil para o estabelecimento de líderes autoritários, por isso diferentes nações que adotaram práticas eugênicas tiveram como regime de governo o totalitarismo.

O totalitarismo, aqui, vem mascarado de uma visão otimista de sociedade ideal, assentada no desejo de uma estrutura social estável. Contudo, os limites que regulam as atividades humanas acabam sendo ultrapassados ao longo do percurso, conduzindo o ideal utópico para um cenário devastador, pessimista e sem esperança, tal e qual se caracteriza a perspectiva distópica.

Referências

ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BACCOLINNI, Raffaella; MOYLAN, Tom. “A useful knowledge of the present is rooted in the past: memory and historical reconciliation in Ursula K. Le Guin’s *The Telling*”. In: *Dark horizons: science fiction and the utopian imagination*. Edited by Tom Moylan and Raffaella Baccolini. New York: Taylor & Francis Books, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CLAEYS, Gregory. *The Cambridge Companion to Utopian*

Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FAGGION, Melline O. ***Psicologia e Eugenia: percursos da história***. Dissertação de mestrado em Psicologia – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008. Disponível em: http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI_2018%20Melline%20Ortega%20Faggion.pdf. Acesso em: 29/04/2021.

HUXLEY, Aldous. ***Admirável Mundo Novo***. São Paulo: Globo, 2003.

LÖWY, Michael. ***Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”***. São Paulo: Boitempo, 2005.
MACAULAY, Rose. ***What not: A prophetic comedy***. Kessinger Publishing, 2019.

MOYLAN, Tom; CAVALCANTI, Ildney (Ed.); BENÍCIO, Felipe (Ed.). ***Distopia: fragmentos de um céu límpido***. Trad. Felipe Benício, Pedro Fotunato e Thayrone Insen. Maceió: Edufal, 2016.

SUVIN, Darko. Science fiction and the novum (1977). ***Defined by a hollow: essays on utopia, science fiction and political epistemology***. Oxford: Peter Lang, 2010.

SUVIN, DARKO. “Estrangement and cognition”. In: GUNN, James.; CANDELARIA, Mathew. ***Speculations on speculation: theories of science fiction***. Toronto: Scarecrow Press, 2005. p. 23-35.